

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

António Macedo
David Mourão-Ferreira
Eduardo Prado Coelho
José Cardoso Pires
Mário Sacramento
Sophia de Mello Breyner
Victor da Silva Tavares

N.º 507/18 DE ABRIL DE 1968

À margem de UM ROMANCE POP

por JOSÉ CARDOSO PIRES

TENHO o meu segundo encontro com o casal Mayen e com o seu filho, Frank, que acaba precisamente de entrar para o jardim de infância. Estou a reler *L'Échat et la Blancheur*, de Walter Lewino.

Frank é o que se diz «uma criança com problemas de adaptação», do tipo emotivo introvertido (pág. 194) e, agora que saiu do estado anal, acusa as primeiras reacções ao stress — a clássica manifestação de onicofagia, entre outras. O indispensável complexo de Édipo não tardará a instalar-se nele. Por sua vez, o pai, François Mayen, continua a mudar de carro de dois em dois anos e comprou um apartamento na modalidade de renda a crédito (4/5 div., conf., pagto. 10 a.) que decorou, a pags. 212, com um quadro informal, *Composição 113* (65x45, 480 mil francos velhos). Danièle Mayen mostra-se satisfeita com a evolução da vida conjugal, perdeu o seu mistério de mulher e de quando em quando, pág. 22, por exemplo, medita sobre o tipo de beleza que lhe vai bem. Isto não ignorando que por vezes as imperfeições são o mais desconcertante ponto de atracção, que Ana Bohena tinha uns dentes fraquíssimos e que Greta Garbo calça 41 (diz-se). Actualmente decidiu «pôr um pouco de fantasia no penteado», como France Gall.

Sim, os Mayen, o casal-tipo deste *Admirável Mundo Novo* de Walter Lewino, são o retrato-robot duma família da média burguesia das sociedades de consumo. Eles acompanham, declaradamente ou não, a felicidade prometida pelos evangelhos das *mass média*: nas férias beneficiam das condições excepcionais que lhes oferece o Club Méditerranée; na escolha de um carro utilizam a argumentação dos folhetos dos agentes. Danièle adquiriu as obras de Aragon-Elsa Triolet, esse casal inseparável na vida e na literatura de que a *Elle* fez largas reportagens...

WALTER Lewins trabalhou no seu laboratório literário uma vasta documentação. Reuniu textos de Freud e de Mme. Couve de Murville, de Dale Carnegie e de Mao Tsé-Tung, de Betty Friedan e dos psicólogos Bovet e Robin; interpretou *cartoons* de Chaval, copiou ementas de restaurante; e de um modo geral recorreu a «todos os jornais e revistas e publicações periódicas, especializadas ou publicitárias, de língua francesa» — nota do autor, em fim de li-

vro. O produto desta computação informativa revelou-se terrivelmente ácido. *L'Échat et la Blancheur* resulta numa reacção de alta percentagem negativa aos aliantes das comunidades contemporâneas mais evoluídas.

Numa idade rebelde às sistematizações literárias, em que sobrevivência até) do próprio romance, a aventura experimental circula com passaporte livre (o que é excelente), mas dispõe das propriedades fáceis que lhe concede o provincianismo cultural, sobretudo o das comarcas satélites dos grandes centros. Aqui vi eu fazer-se em letra de forma

mente compensador abrir este romance de Walter Lewino e reconhecer nele uma matéria de fundo nova e magistralmente organizada. Um depósito de base hábilmente recolhido, seleccionado e transfigurado, que não precisa de ornamentos sensacionalistas para ser classificado de Romance Pop. Pelo menos, para inaugurar decisivamente um acesso ao Romance Pop.

ROY Lichtenstein *Quinzaine*

Littéraire n.º 42): «Há muitas pequenas cidades nos Estados Unidos que não têm uma só casa com mais de vinte e cinco anos (e) quando as atravessamos de carro não vemos senão anúncios. Isso será muito interessante para ver de passagem mas ninguém gostará de ter de viver nessa balburdia com publicidade afixada na casa em que habita e publicidade no prédio em frente para onde dão as suas janelas.»

Ocorre-me esta citação do mestre pintor Pop para sublinhar o significado do arsenal publicitário que Walter Lewino acumulou na estruturação de *L'Échat et la Blancheur*. As referências dos seus heróis, a sua expressão e até a sua cultura

são determinadas por esse estilo de informação: o critério de escolha, as leituras e a argumentação reflectem os lugares-comuns superiores de uma sociedade evoluída. Freud é um argumento divulgado soberbamente para que Danièle tenha em linha de conta algumas das suas leis, elementares quando se preocupa com a educação do pequeno Frank; François, embora no íntimo admirador de Van Gogh, decide-se por adquirir uma pintura informal; *L'Express* é o documentário universal em que localiza a sua condição de europeu, e assim por diante. McLuhan não demonstraria melhor que os meios pelos quais o homem comunica lhe determinam as ideias, os gostos e o desejo de promoção. A imagem do mundo, afinal.

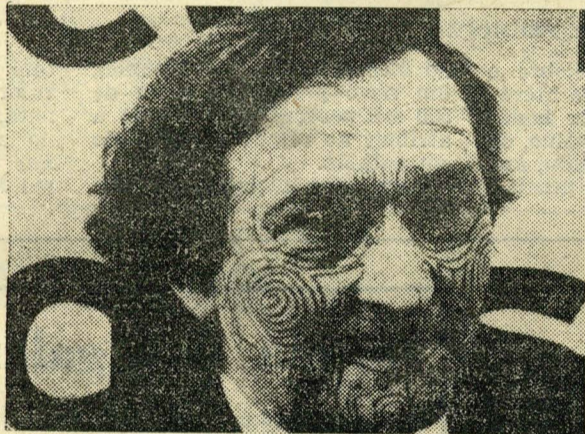
Entretanto, o que desconcerta neste volume in oitavo, capa modesta, gosto gráfico mais que convencional, o que desconcerta e sugere meditação é a austeridade, o estilo quase clássico de Lewino. Ter ou não ter lido *Les Aventures de Jodelle* não creio que seja a questão para um partidário do movimento Pop. Nem estar filiado no Centre de Littérature d'Expression Graphique. Nem incorporar num texto um bilhete do metro, uma mecha de cabelos ou um extracto de histórias aos quadrinhos. Isso, que já foi ensaiado na ficção e como imagética de uma socie-

dade industrializada, de pouco serviu, ao que julgo. O romance não adquiriu uma dimensão nova e subordinou a efeitos subalternos a importância de uma interpretação de base.

Em *L'Échat et la Blancheur* a conquista da praça forte faz-se pela base. A expressão obstina-se em recusar os labirintos secundários, o *Layont* exibicionista ou as irreverências (hoje mais que toleradas) da pontuação. Em ignorar até a «mecanização» formal do Novo Romance. Lewino, em muitos passos, lembra-me, no estilo, o Roger Vailland de *La Tonite* e não faltariam exemplos comparativos a transcrever. Frase documentada, directa, com a clareza dos anúncios publicitários. O exercício formal, a ilustração berrante, o *puzzle*, foram expurgadas da sua prosa. Muito ao contrário dos cultores do Novo Romance, a organização dos objectos e a projecção do homem sobre

eles não chegam para uma explicação global da sociedade. Vai mais longe: a cultura, a linguagem e o comportamento é que dão a transcendência assumida pelo objecto, que a adquiriria numa sociedade de abundância.

Este caminho riquíssimo (o recurso às expressões das *mass média* para descrever um perfil social novo) está — aqui, sim — inelutavelmente radicalizado numa via Pop e foi como tal que os especialistas catalogaram *L'Échat et la Blancheur*. Romance Pop pelas substâncias de que se alimenta e pela inequívoca direcção da sua crítica, ele é uma nova proposta para a narrativa contemporânea. Uma primeira abordagem, pelo menos. Em qualquer caso, porém, uma brecha profunda no subsolo da ficção convencional donde podem irromper as necessárias e consequentes superestruturas formais.



Walter Lewino: a verdade (Pop) está nas raízes

o elogio de *Les Invités*, de Marc Saporta, sob a rubrica de romance concretista e agora, com o livro á minha frente, com todos os exibicionismos superficiais que contém, trago-o como exemplo da confusão dos apressados que anseiam pela inovação. A busca formal mais uma vez aparece em Saporta como a luz que encandeia e, pior ainda, traz o receituário habitual de grafismos que são ingénuas demais para terem feito carreira na época Dada, e serve-se de uma estruturação de planos narrativos muito menos ousada e consequente do que aquela que já tinha utilizado Dos Passos.

Bem sei: bater no ferro amorfo e arrancar uma estrela requer sabedoria e inspiração. Como diz o provérbio, de mil cruzamentos só uma rosa nasce negra, depois é questão de lhe reproduzir a semente. No entanto, algo de novo se passa no reino da confusão e já é muito, e deveras compensador, que do caos dos oportunismos surjam, por exemplo, vozes inesperadas como a de um Alexandre Khinge (*Estalínegrado*, Anita G.) e que as suas colagens documentais nos abram uma perspectiva diferente para a explicação do nosso tempo, com uma técnica que se identifica intimamente com um clima e uma atitude psicológica também diferentes. Pela mesma razão é igual-